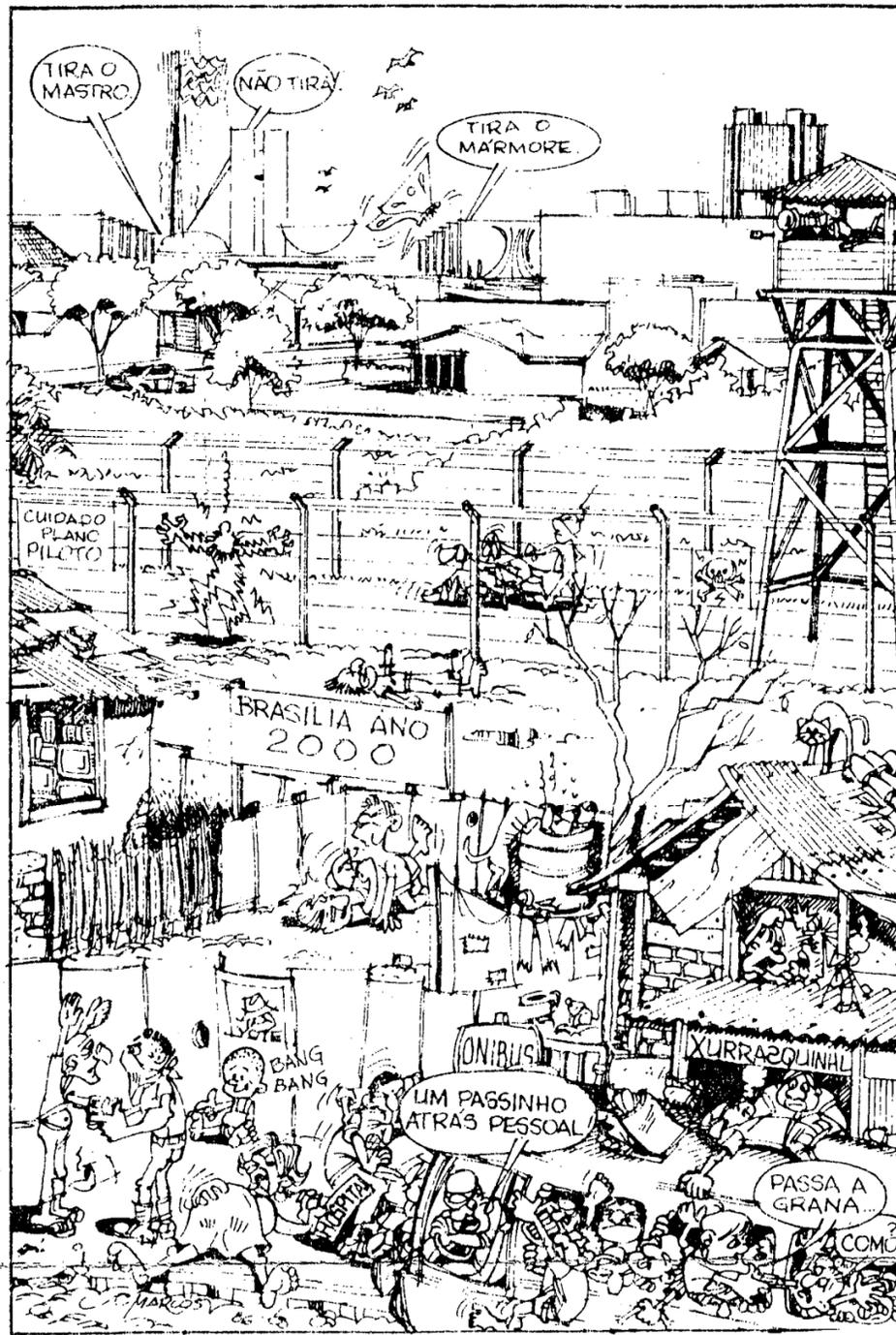


# Brasília, um futuro democrático?



Brasília, cidade nascida da prancheta de renomados gênios, modelo do urbanismo moderno estabelecido pela Carta de Atenas. Ideologicamente deveria vir a ser um local agradável e tranquilo de viver, com uma população socialmente bem distribuída e com destino exclusivamente administrativo.

Mas uma cidade não nasce pronta, definida e detalhada da lapiseira de grandes mestres. Uma cidade é um organismo vivo em permanente modificação, que vai se expandindo de acordo com a necessidade sócio-econômica de sua população.

E Brasília não se fixou nos limites do Plano Piloto. Cresceu além deles, modificou o seu desenho urbano, recebeu e continua recebendo levas e levas de migrantes, mudou o seu princípio básico ideal.

O processo de crescimento da capital surpreendeu seus idealizadores. A cidade planejada para 500.000 habitantes, em pouco menos de 30 anos, se transforma em uma metrópole extremamente expandida e rarefeita. O Plano Piloto original acabou se tornando a área central de Brasília, tendo as cidades-satélites e os núcleos urbanos da região de influência imediata do Distrito Federal como sua periferia.

E agora? O que fazer do modelo?

Muitas são as idéias, diversos, os palpites. Uns acham que se deve simplesmente completar o projeto de Lúcio Costa, outros que é preciso tombar o Plano Piloto, o Governo quer assegurar o caráter político-administrativo e cultural da capital, outros acham que é necessário industrializar, despoluir o Lago Paranoá e, quem sabe, fazer do buraco da Ceilândia um Teatro de Arena. Opiniões e palpites é que não faltam.

Entretanto, o problema não é tão simples assim. Sabe-se que inúmeros estudos e pesquisas vêm sendo realizados por técnicos brasileiros, que aqui vivem e conhecem a problemática da cidade e de seu povo. No entanto, os brasileiros não parecem ser ouvidos. Nossos técnicos (economistas, arquitetos, engenheiros, sociólogos, geólogos, etc.) não conseguem fazer valer suas propostas. Será que continua presente o velho ditado "santo de casa não faz milagre" e nos momentos de decisão somente às "vacas sagradas" de fora têm direito de participação?

O que será de Brasília no ano 2.000? Um exemplo mundial de cidade humana e aprazível, como sonharam seus criadores, ou mais uma de nossas grandes e problemáticas cidades?

Não seria exagero afirmar que a segunda opção é a mais provável. Diante do atual crescimento de Brasília, com essa explosão demográfica incontável, o crescente déficit habitacional, o transporte de massa mal dimensionado, a ocupação territorial desordenada, torna-se necessária uma série de medidas radicais para inverter essa situação até o início do próximo século. Afinal só nos faltam 14 anos para a grande virada do terceiro milênio.

E atualmente o problema de Brasília não pode ser pensado somente a nível de Plano Piloto. É evidente a importância da complementação do projeto de Lúcio Costa e de sua preservação racional, como modelo que se transformou. Mas é preciso, principalmente, dar oportunidades de emprego, habitação, educação, saúde, enfim de uma vida digna às populações menos favorecidas dos núcleos periféricos. O Plano Piloto não poderá continuar como uma ilha de fantasias, cercada de miséria por todos os lados.

A necessidade de uma reordenação racional das cidades satélites e a criação de novos núcleos com melhores características que os atuais, são as principais conclusões dos estudos realizados sobre o futuro de Brasília.

Dossiê Brasília apresenta, hoje, algumas análises prospectivas, realizadas por gente da terra, e que considera de essencial valor para o desenvolvimento da cidade, se não quisermos chegar ao ano 2.000 como uma das mais conturbadas e violentas metrópoles do Brasil.